

Mobilidades turísticas e hospitalidade urbana: Análise bibliográfica a partir de publicações de turismo no Brasil

Tourism mobilities and urban hospitality: A bibliography analysis from tourism journals in Brazil

THIAGO ALLIS * [thiagoallis@usp.br]

CARLA FRAGA ** [carla.fraga@unirio.br]

Resumo | Com a dinamização da urbanização contemporânea, o turismo assume uma lógica urbana cada vez mais expressiva, sendo bastante oportuno que se busque conceituá-lo e operacionalizá-lo sob os princípios da "hospitalidade urbana". Parte-se do pressuposto que as conexões teóricas e metodológicas entre mobilidade e hospitalidade podem servir como chave para a compreensão das várias manifestações do turismo e da própria hospitalidade. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é identificar, sistematizar e discutir elementos na produção científica em turismo no Brasil que, mesmo de maneira panorâmica e preliminar, orientem futuras pesquisas sobre a temática. Do ponto de vista metodológico, foi realizado um levantamento usando os termos "mobilidade" e "hospitalidade urbana", e posterior análise bibliográfica a partir de artigos em periódicos de turismo no Brasil. Por ora, parece haver tímida convergência entre mobilidade e hospitalidade, que podem estimular novas pesquisas na interface entre mobilidades turísticas e hospitalidade urbana.

Palavra-chave | Turismo, mobilidade, hospitalidade, urbanização, bibliografia científica

Abstract | With the advance of contemporary urbanization, tourism assumes an urban logic increasingly expressive, being appropriate to conceptualize and operationalize it under the principles of "urban hospitality." By this assumption, theoretical and methodological connections between mobility and hospitality could be employed as a key to understand various manifestations of tourism and hospitality itself. In

* **Doutor em Arquitetura e Urbanismo**, na Área de Planejamento Urbano e Regional, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). **Professor Doutor** no Curso de Lazer e Turismo da Escola de Artes Ciências e Humanidades, da Universidade de São Paulo (EACH-USP).

** **Doutora em Ciências em Engenharia de Transportes** pelo Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia (COPPE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). **Professora Adjunta** do Departamento de Turismo e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

this way, this essay aims to identify, organize and discuss elements from the scientific production in tourism in Brazil, which, even in a panoramic and preliminary way, could guide future research on the subject. From a methodological point of view, a survey was conducted using the terms "mobility" and "urban hospitality", followed by an analysis of the literature available from tourism journals in Brazil. For now, there seems to be limited convergence between mobility and hospitality, which may stimulate new research on the crossroads of tourism mobilities and urban hospitality

Keywords | Tourism, mobility, hospitality, urbanization, scientific bibliography

1. Introdução

O recorte analítico deste trabalho propõe discussões sobre mobilidade e hospitalidade no contexto urbano, partindo do pressuposto que a "lógica urbana (...) define, talvez irreversivelmente, todos os aspectos da vida contemporânea, independentemente dos nomes que se atribuem às formações urbanas (cidades, metrópoles, megalópoles)" (Allis, 2014, p. 26).

Este encaminhamento teórico-metodológico está lastreado nas argumentações seminais de H. Lefebvre (2001[1970]), que propunha uma leitura de "sociedades urbanas" como "processo", e não meramente a partir de suas formas mais concretas. Mais recentemente, Augé (2010) e Brenner (2013) desenvolveram, respectivamente, as ideias de "urbanização do mundo" e "urbanização planetária", reforçando o caráter abrangente do processo em que fronteiras entre urbano e não urbano se dissolvem e o globo passa a ser o anteparo para os estudos urbanos.

Neste contexto, o esforço do presente material é proporcionar uma cadência, mesmo que inicial, para algo que merece ser mais iluminado: as múltiplas expressões de mobilidades turísticas sob a ótica da hospitalidade urbana. Para se analisar a produção científica brasileira no marco deste recorte conceitual, foi realizado um levantamento bi-

bliográfico com os descritores "mobilidade" e "hospitalidade urbana" no *website* Publicações de Turismo¹, que reúne 31 periódicos brasileiros (extintos e ativos). Como resultado, encontraram-se 19 trabalhos sobre mobilidade (incluindo aquelas que tratam de mobilidade urbana e mobilidades turísticas, nomeadamente ou não) (Anexo A) e nove trabalhos sobre hospitalidade urbana (Anexo B), totalizando 28 trabalhos.

As argumentações aqui propostas não pretendem tratar conceitualmente a hospitalidade, salvo eventuais explicitações de parâmetros adotados, diferente do que foi realizado com as "mobilidades turísticas", a partir de alguma discussão sobre "mobilidades" como um todo. Buscou-se, assim, contribuir para construção do conceito ("mobilidades turísticas"), justamente por ser algo relativamente novo *vis-à-vis* o caminho já pavimentado nos estudos de turismo, mobilidade e hospitalidade isoladamente.

2. Mobilidades turísticas: Um conceito em construção

Até recentemente, a maior influência de John Urry para o estudo do turismo - e em certa medida, da hospitalidade - era o livro *O olhar do turista*,

¹Santos, G.E.O. *Publicações de Turismo*. Disponível em: <http://www.publicacoesdeturismo.com.br>. Acesso em: 8 set. 2016.

²Recentemente, uma nova versão do livro foi editada, reforçando o peso do turismo na trajetória intelectual de J. Urry (Urry, J.; Larsen, J., 2011).

lançado em 1990². Com efeito, trata-se de uma referência elementar para a formação na área, ainda que boa parte da contribuição acadêmica e científica do autor tenha vicejado em ampla trajetória editorial posterior.

Em 2000, Urry propunha que os estudos sociológicos se orientassem pelas questões de mobilidade, na tentativa de “desenvolver categorias relevantes para a sociologia como ‘disciplina’” no século XXI. Tratava-se de um “manifesto” com o propósito de “examinar as diversas mobilidades de pessoas, objetos, imagens, informação, resíduos; e a complexa interdependência entre as - e as consequências sociais das - diversas mobilidades” (Urry, 2000, p. 1).

Assumindo que as viagens estão “no centro da vida social”, suas várias manifestações merecem ser objeto de análise apurada, particularmente na sociologia, a começar pelas “viagens corporais”, em que pesem as muitas formas de deslocamento e movimento ao longo da história da humanidade, desde o simples caminhar até a indústria de aviação. E, por óbvio, o turismo é um aspecto importante nesta análise.

Além desta, as mobilidades de “objetos”, “imagens” e as “viagens virtuais” são dimensões do mesmo fenômeno, que permitem “sentir objetos e lugares (...) principal preocupação de uma sociologia da mobilidade” (Urry, 2000, p. 76, grifo nosso). Assim, centrar discussões nas mobilidades contemporâneas, levanta as perguntas: “por que as pessoas viajam fisicamente, quais são seus usos, prazeres, sofrimentos e quais ramificações sociais e físicas deste movimento?” (Urry, 2007, p. 4). Estes e outros questionamentos foram dando forma ao que se convencionou chamar de “novo paradigma de mobilidades”. De maneira geral,

A pesquisa no bojo do paradigma das novas mobilidades atenta para a natureza corporal e as experiências das várias formas de se viajar, observando-as em parte como formas materiais e

sociais de um habitar-em-movimento, lugares de e para várias atividades. Essas “atividades” podem incluir formas específicas de falar, trabalhar e juntar informações, mas também envolvem o simples ato de estar conectado, mantendo uma presença com outros que carregam o potencial para diferentes convergências ou divergências da presença física (Sheller & Urry, 2006, p. 214, grifo nosso).

Assim, enfocando as muitas nuances dos deslocamentos - como elemento essencial para a atividade turística - pode-se buscar entender como os movimentos de pessoas, objetos, produtos, dinheiro, resíduos e mesmo ideias se conjugam para compor as manifestações contemporâneas de turismo. Este conceito, ainda em amadurecimento e sob alguma disputa, engloba um conjunto de possibilidades, uma vez que “[a]s mobilidades turísticas envolvem combinações complexas de movimentos e paradas, realidades e fantasias, diversão e trabalho” (Sheller & Urry, 2004, p. 1).

Este novo paradigma enseja uma entrada muito mais alargada do que aquela que convencionalmente se faz quando estudamos as funções dos transportes no turismo, por exemplo. Trata-se, num exercício de diversificação teórica, reconhecer que a relação entre os múltiplos fluxos (de ideias a turistas) não se resumem a soluções tecnológicas e comerciais, típicas da operação comercial do turismo, o que inclui a participação dos sistemas de transporte.

Esta abordagem - que poderíamos resumir na ideia de “mobilidades turísticas” - parece oportunizar ainda mais lógicas para que se estude o próprio fenômeno turístico - que tem nos movimentos e deslocamentos a sua essência. Assumindo-se uma visão que escapa a ortodoxias disciplinares, o tratamento pós-disciplinar do turismo pressupõe “conexões e ideias sejam orientadas por uma conclusão lógica, em vez de estarem circunscritas aos limites

das suas disciplinas” (Coles, Hall & Duval, 2005, p. 34), sendo que o liame para ser as múltiplas expressões de mobilidade na contemporaneidade.

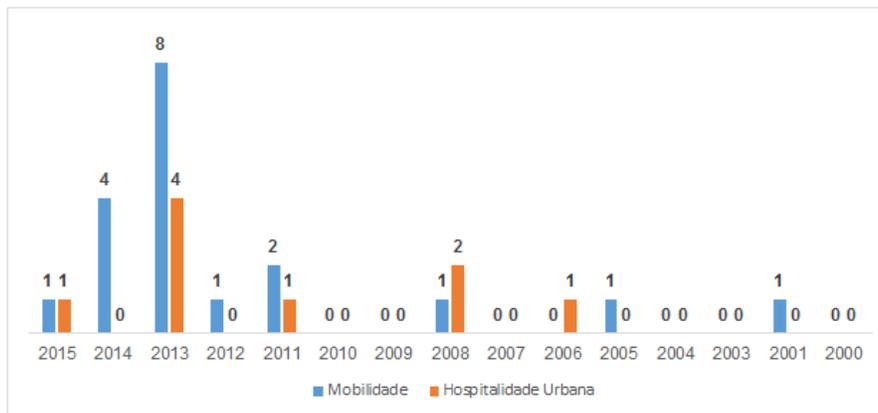
Em suma, é preciso “colocar o turismo em movimento” (*mobilize tourism*), permitindo que os estudos da área sejam capazes de “entender o significado por detrás das mobilidades (incluindo o turismo) manifestadas por indivíduos, não apenas os turistas” (Coles et al., 2005, p. 36, grifo nosso).

3. Mobilidade e hospitalidade urbana: Em busca de nexos

Este trabalho, do ponto de vista metodológico, está alicerçado numa pesquisa bibliográfica em periódicos brasileiros, com buscas por trabalhos pelos descritores “mobilidade” e “hospitalidade urbana”.

Como “mobilidades turísticas” é um conceito em construção, pareceu ser contraproducente adotar somente este termo nas buscas; assim, utilizou-se o termo “mobilidade” que é mais abrangente, inclusive por poder incluir estudos de “mobilidade urbana”. No entanto, do lado da hospitalidade³, buscou-se o contrário, isto é, restringir para “hospitalidade urbana”, já que parece haver evidências de que existe um caminho iniciado no tratamento desta dimensão da hospitalidade⁴.

Para o primeiro caso, resultaram 19 trabalhos, publicados entre 2000 e 2015, com uma clara concentração entre 2011 e 2015 e predominância em 2013; para o segundo, resultaram apenas nove trabalhos, distribuídos num espaço temporal menor (2006 a 2015); contudo, o ano de 2013 também concentra a maior parte das ocorrências (Figura 1).



Fonte: Elaboração própria

Figura 1 | Trabalhos sobre mobilidade e hospitalidade urbana em periódicos de turismo - por ano

Como esses conjuntos de trabalhos originam-se e desenvolvem-se no bojo de arcabouços teóricos particulares, é importante que se tenha um pa-

norama dos estudos sobre mobilidade e turismo, notadamente para se perceber como as mobilidades turísticas estão sendo tratadas (subitem 3.1),

³O estudo da hospitalidade guiado pelo paradigma da dádiva é uma forma, mas também há várias outras maneiras que Camargo (2008) menciona serem inspiradoras, por exemplo, a economia dos bens simbólicos, de Bourdieu (1996).

⁴A hospitalidade, no bojo dos estudos sobre experiência turística, pode ser analisada como fato social, ritual e ética E, com o vertiginoso crescimento das cidades, a hospitalidade urbana tem ganhado mais espaço (Camargo, 2008). Neste contexto, o conceito de hospitalidade urbana - particularmente aquele defendido por Grinover (2007), que traz a legibilidade, a acessibilidade e a identidade como elementos chave - emerge como um norte para orientar análise de contextos característicos da forma-cidade.

antes de buscar propriamente seus nexos com a hospitalidade urbana (subitem 3.2).

3.1. Uma análise sobre mobilidade e turismo

Do universo de trabalhos sobre mobilidades analisados, três fazem menção direta a “mobilidade turística”, tanto no singular (Fernandes, 2013), quando no plural (Allis, 2013; Kunz, 2015). Kunz (2015) traz um levantamento bibliográfico sobre a temática, no período de 2000 a 2014, buscando apresentar referenciais na bibliografia internacional que alimentem a construção deste conceito. Embora tenha selecionado um número reduzido de trabalhos (n=6), foi possível afirmar que existem “diferentes prismas por meio dos quais as mobilidades turísticas são estudadas e contextualizadas” (Kunz, 2015, p.385), permitindo aproximar e combinar diferentes saberes para o seu tratamento teórico e metodológico.

Allis (2013) faz apresentação de uma obra sobre transportes e turismo de Lohmann, Fraga e Castro (2013), acionando algumas discussões que permitam um olhar alargado sobre o tema - qual seja, o das mobilidades turísticas. Como o autor lembra, por mais que possa parecer óbvio, “entender os transportes no bojo das mobilidades e dos deslocamentos – incluindo os turísticos! – não é um enfoque recorrente nos estudos de transporte, especialmente (mas não exclusivamente) no Brasil” (Allis, 2013, p. 665).

Já Fernandes (2013), tendo por referência o estado do Rio de Janeiro, propõe uma discussão sobre mobilidade turística - buscando referências em Urry (2000) - que, ao final, conduzem à ideia de fluxos turísticos por determinados territórios, a partir da Teoria do Espaço Turístico, de Boullón (2002).

Em Coriolano e Fernandes (2014), há uma seção específica para circunscrever o tema das mobilidades turísticas. Ancorando sua análise em Moriniaux et al. (2010), as autoras apontam que “[a]

mobilidade dos fluxos turísticos é uma mobilidade e uma migração temporária, sazonal, (...) as mobilidades do turismo e do lazer [estão] no centro da hipermobilidade urbana” (Coriolano & Fernandes, 2014, p. 49).

Os demais trabalhos articulam turismo e mobilidade por várias entradas, incluindo mobilidade urbana, usos do espaço público, demandas de pessoas com mobilidade reduzida, questões laborais (deslocamentos de mão-de-obra) e comunicação em geral (tanto sinalização, quanto tecnologias da informação), além de alguns textos de teor ensaístico, com uma abordagem mais abrangente sobre a temática - como em Korstanje (2015) sobre os riscos de viajar e seu peso para a “imobilização das mobilidades”, particularmente no “terceiro mundo”, e de Skoll (2013), com uma análise similar sobre o papel das fronteiras, ainda que não focada diretamente nas mobilidades turísticas.

Simon et al. (2014) discutem os usos dos transportes públicos para o turismo em Caxias do Sul (RS) e Fernandes et al. (2013) estudam a realidade de Curitiba (PR). De maneira mais específica, Shibaki (2013) debruça-se sobre a gestão da mobilidade em grandes cidades, tendo a cidade de São Paulo como referência e a atuação do Convention & Visitors Bureau local na área de eventos. Ainda no campo da mobilidade urbana, Ferrari e Pires (2011) analisam o uso da bicicleta como opção de lazer a partir dos princípios da arte-educação e Zanirato (2008) apresenta uma discussão sobre mobilidade em cidades históricas, tendo por enfoque questões de preservação do patrimônio. Por fim, Vieira e Morastoni (2011) buscam relacionar a qualidade das calçadas em Camboriú (SC), com aspectos de sustentabilidade.

A acessibilidade para portadores de deficiência física é objeto de análise de Borda et al. (2013) - que estudam as medidas orientadas para este público em Socorro (SP), numa perspectiva de turismo e inclusão social. Já Franzen e Reis (2013) discutem a adequação de hotéis de Santa Maria (RS) para “turista deficiente e com mobilidade re-

duzida”.

Outro viés discutido é a mobilidade de mão-de-obra no turismo, Ouriques (2005) concentra-se no estudo dos vendedores ambulantes do litoral catarinense, particularmente Florianópolis (SC), que demandam a região em épocas de temporada - daí serem tratados por “trabalhadores de verão”.

Dois trabalhos iluminam alguns aspectos de comunicação, tanto numa vertente *digital*, com uma discussão sobre como os “serviços baseados em localização”, através de internet móvel e de aplicativos, podem ter “efeitos imediatos na forma como a cidade é vista, utilizada e vivenciada” (Ribeiro & Souza, 2012), quanto *analógica*, em que pese o papel da “sinalização verbal e não verbal (visual)”

para “comunicação e a mobilidade do turista estrangeiro na cidade” de São Paulo (Ulian & Dias, 2001). Ademais, Cheibub (2014) busca discutir - inclusive lançando mão do seminal *Mobilities*, de Urry (2007) - os “significados das mobilidades” nas “redes de sociabilidades contemporâneas”, tendo o universo do filme “Up in The Air” (*Amor sem Escalas*) como objeto de estudo.

Em termos espaciais, de todos os trabalhos selecionados, 12 dedicam-se a estudos de contextos urbanos particulares (cidades ou regiões), bem concentradas no Centro-Sul do país, indicando alguma conexão com da temática da mobilidade no turismo com questões urbanas (Figura 2).



Fonte: Elaboração própria

Figura 2 | Áreas estudadas em trabalhos sobre mobilidade em periódicos de turismo

Considerando que “os deslocamentos turísticos têm impacto significativo nas economias, nas pai-

sagens em especial nos polos emissores e receptores das mobilidades turísticas”(Coriolano & Fer-

nandes, 2014, p.49), nota-se a importância de se estudar as mobilidades turísticas a partir das noções de hospitalidade. Por outro lado, os avanços da urbanização e o desenvolvimento do turismo urbano⁵ no mundo (World Tourism Organization, 2012) cobram o estudo das mobilidades turísticas no arcabouço urbano, levando-nos à seara da hospitalidade urbana.

3.2 Hospitalidade urbana: algumas relações com mobilidade no turismo

Nesta seção, a partir da seleção de trabalhos identificados com o descritor “hospitalidade urbana”, será realizada uma análise acerca de suas articulações com a mobilidade. O propósito, aqui, não é uma discussão profunda sobre as linhagens conceituais adotadas pelos autores, senão as ma-

neiras pelas quais a mobilidade, direta ou indiretamente, foi considerada como categoria analítica no bojo estudos hospitalidade urbana.

É notável que há uma concentração de trabalhos em quase dez anos, isto é, entre 2006 e 2015, diferente dos trabalhos que abordam as mobilidades, iniciados em 2000 (Figura 1). Considerando que o livro de Grinover foi publicado, no Brasil, em 2007, talvez este tenha influenciado de alguma forma a produção a partir de 2008, já que é recorrente a citação deste autor em muitos dos trabalhos analisados e, ainda, dois são de sua autoria na seleção ora sob estudo (Grinover, 2006; 2013).

Dos nove trabalhos selecionados, seis trazem análise sobre destinos específicos, com concentração em casos no Centro-Sul do Brasil, e outros produzem abordagem mais amplas - notadamente os de Baptista (2008) e Grinover (2006, 2013) (Figura 3).

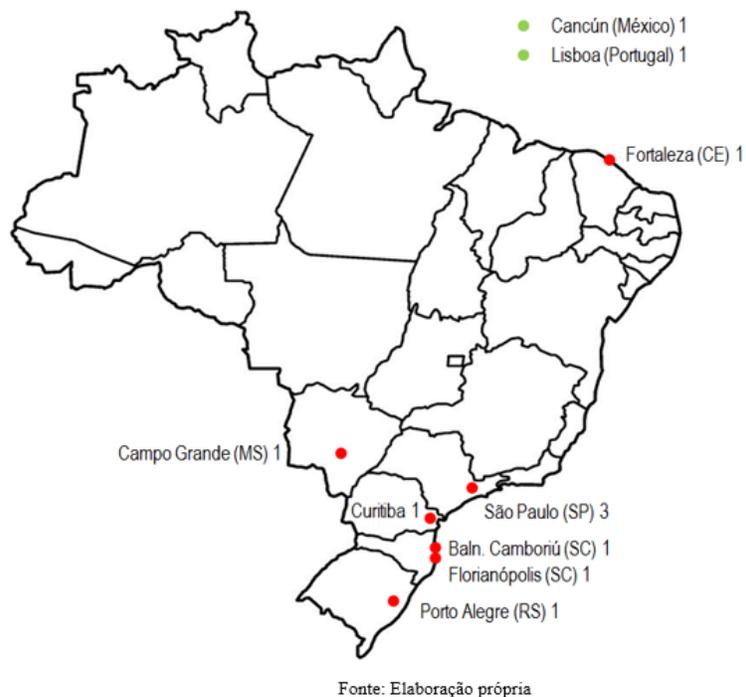


Figura 3 | Áreas estudadas em trabalhos sobre hospitalidade urbana em periódicos de turismo

⁵Por óbvio, não se trata de uma abordagem baseada em segmentação turística - conquanto a ideia de “turismo urbano” aqui não é entendida como nicho. Diferente disso, o que se propõe é a convergência das lógicas entre o processo de urbanização e as expressões de mobilidade contemporânea (Allis, 2014)

Os temas dos trabalhos que abordam a hospitalidade urbana identificados são bastante diversos, alguns focando aspectos teóricos e conceituais, como é o caso de Severini (2013), que trata da ampliação do conceito de hospitalidade urbana - que também pode ser vista a partir do bojo do planejamento urbano e da gestão de cidade, diferenciando-se dos conceitos iniciais de hospitalidade doméstica e comercial -, e o de Grinover (2013), que aborda "novas e velhas categorias para a compreensão da hospitalidade urbana".

A esses somam-se o trabalho seminal de Grinover (2006) sobre a acessibilidade, legibilidade e identidade, que como citado tem sido um dos principais trabalhos sobre a temática; o de Baptista (2008) que aborda a hospitalidade na perspectiva de "eleição intersubjectiva". Muito embora a hospitalidade urbana não seja declarada como palavra-chave, este texto trata os "lugares de hospitalidade" relacionando-o aos "lugares de urbanidade". Note-se, portanto, que apesar de os autores fazerem menção a cidades (específicas ou não), a lógica urbana - enquanto processo e não apenas na sua forma - parece subjacente às suas reflexões.

Grinover (2013) inclui a "urbanidade" como uma das categorias para se tratar a cidade como lugar de hospitalidade urbana, ao qual se soma "qualidade de vida" e "cidadania", o que expressa ainda mais a importância de se tratar o sujeito e suas relações, o que também é alvo de estudos das mobilidades turísticas (seção 2). Para o autor, "[a]s hipóteses conceituais a respeito desta mobilidade, em termos culturais, de modo de vida e sua distribuição espacial, ainda configuram-se em terreno recente e pouco consolidado" (Grinover, 2013, p. 17).

Por óbvio, um dos temas mais importantes para a conexão entre mobilidades turísticas e hospitalidade urbana é a relação entre visitantes e visitados - e as interações espaciais que se desenvolvem, já que isto se relaciona tanto com o fato social, o ritual e a ética (ver Camargo, 2008). Na obra de Gonzalez e Salles (2011), que versa sobre o

planejamento turístico e a hospitalidade urbana em Cancún, no México, fica evidente a importância da acessibilidade, da legibilidade e da identidade: elas estão "intimamente ligadas à qualidade de vida dos moradores e (...) consistem no fácil acesso que as cidades devem proporcionar ao morador em relação aos equipamentos e serviços, transporte, trabalho, segurança, limpeza etc." (Gonzalez & Salles, 2011, p.51).

Reverendo a relação entre transportes e turismo, nota-se em Baptista (2008) uma tangência aos transportes e a hospitalidade na cidade, quando a autora trata o metrô como um "lugar de sociabilidade fugaz (...)" (Baptista, 2008, p.11). Ainda, dialogado com Milon (2004), Baptista salienta que se trata de "conseguir inscrever os rituais desse trânsito num quadro mais vasto de interação social" (Baptista, 2008, p.11). Esses argumentos deságuam inevitavelmente no tratamento das mobilidades, e pode incluir de alguma maneira o próprio turismo, chegando a interface entre as mobilidades turísticas e a hospitalidade urbana.

Baptista (2008) assinala também a atenção especial que há de se dar aos lugares públicos (praças, mercados, cafés, entre outros) como espaços que potenciam a hospitalidade. De outro lado, Grinover (2007) explica que a hospitalidade na cidade se relaciona com o "(...) ordenamento geral das paisagens urbanas e pela organização dos lugares públicos" (Grinover, 2007, p.127). Assim, em alguns trabalhos o foco parece ser exatamente este, ou seja, lugares [públicos] específicos. Por exemplo, Arruda e Tricário (2015) buscaram analisar, no caso da Praça Almirante Tamandaré, em Balneário Camboriú (SC), as implicações para o turismo, considerando a interface entre a "hospitalidade urbana e o design de espaço público".

As experiências singulares nos lugares parecem ser outro ponto de concatenação entre a mobilidades turísticas e a hospitalidade urbana, inclusive pelo viés da identidade apontado por Grinover (2006; 2007; 2013). Sagi (2008) observa a busca por experiências singulares daqueles que estão na

condição de deslocamento (visitantes e turistas) em espaços [que demandam a hospitalidade urbana]⁶. Assim, parece que a relação entre mobilidades [turísticas] e hospitalidade [urbana] pode ser discutida também a partir da "atratividade do local", já que atrair implica ambos: fluxo (de pessoas, ideias) e acolhimento (essencial a hospitalidade). Não é demais recuperar o postulado elementar de Urry (2006): nem sempre os tempos de viagem são vazios ou mortos (2006). Ora, locomover-se, neste sentido, não significa apenas *ir para*, senão também preencher o tempo da viagem com múltiplos significados, que fazem parte do contínuo de experiências – inclusive nos espaços e tempos de deslocamento turísticos.

A atração de megaeventos no Brasil também abre espaço para se investigar conexões entre mobilidade, turismo e hospitalidade. Cavalcanti e Lima (2013) estudam o caso de Fortaleza (CE) a partir da atração da Copa do Mundo de Futebol (2014) tendo por foco "a legibilidade da qualidade visual e percepção do olhar do turista, à acessibilidade no uso e concepção do espaço e à extensão dos olhares sobre a identidade da cidade por meio da sinalização turística" (Cavalcanti & Lima, 2013, p.107). Assim, além do contexto dos megaeventos, a sinalização turística pode ser um elemento específico para novas discussões conjugando mobilidades turísticas com hospitalidade urbana⁷.

Lanzarini (2013) concentra-se no que nomeou como "hospitalidade sexual urbana" na relação visitante-residente em várias cidades (Florianópolis/SC, Curitiba/PR, Porto Alegre /RS, Campo Grande/MS e, ainda, Lisboa, em Portugal). Interessante notar as convergências dos mundos físico - expresso pelos deslocamentos de viajantes a trabalho - e o virtual – que usam aplicativos de encontros para o desenvolvimento de sociabilidades de certas "comunidades" (no caso, homens casados que realizam encontros homoeróticos no ambiente

das viagens corporativas).

Por fim, embora não tenha sido localizado com o descritor "hospitalidade urbana", e sim com descritor "mobilidade", Simon et al. (2014) apontam a relação entre turismo, mobilidade e hospitalidade no contexto urbano, ainda que não assumam, textualmente, as mobilidades turísticas como referência. Ainda assim, parece ser uma contribuição expressiva na interface entre mobilidade, turismo e hospitalidade.

4. Indicativos de um caminho...

A gama de temas, objetos e abordagens dos materiais analisados abre o leque para se notar como as mobilidades turísticas têm sido abordadas, e posteriormente, a partir de estudos sobre hospitalidade urbana, qual conexão é possível estabelecer entre essas duas pontas, oportunizando outras interpretações sobre turismo e lazer.

A coincidência de maior produção em 2013 e indicativo de arrefecimento nos anos que seguem (Figura 1) são incógnitas que merecem ser exploradas em futuros estudos, mas é fato que o maior interesse pelos temas parece se dar apenas recentemente. De maneira análoga, o texto que fundamenta boa parte das discussões recentes sobre mobilidade tem cerca de 10 anos (Sheller & Urry, 2006), ao qual tem se seguido prolífica produção sobre variados aspectos de mobilidade no mundo, inclusive nas interfaces com turismo (seção 2).

Não foi identificada nenhuma razão aparente para esta concentração temporal, senão, eventualmente um crescimento do interesse amplo pela temática - particularmente mobilidade urbana, mas não apenas no que se refere aos transportes urbanos. A realização de megaeventos no Brasil poderia ser uma explicação razoável para este cresci-

⁶Vale, neste sentido, reter a ideia de "lugares móveis", proposta por Jirón & Iturra (2011): "lugares dos quais as pessoas se apropriam para refletir ou contemplar, socializar, fazer amizades, sentirem-se independentes, distraírem-se ou evadirem-se entre outros, no momento de mover-se" (p. 5). E, por que não, fruir experiências turísticas?

⁷Para uma discussão específica sobre mobilidade urbana, megaeventos e turismo, Allis, Silva e Fraga (2017).

mento, já que conferiram visibilidade e recursos ao tema do turismo e da mobilidade urbana. Mas isso não parece encontrar amparo empírico, uma vez que a maior parte destes trabalhos não se refere a questões de transporte ou mobilidade associados à realização dos eventos.

O que chama atenção é que, por mais que o buscador utilizado elenque apenas periódicos de turismo, alguns dos trabalhos resultantes da busca não tratam de turismo de maneira primária. De um lado, isso pode significar um desvio de propósitos das publicações, que acabam veiculando trabalhos fora da área central a que se dedicam. Por outro, no sentido oposto, podemos estar diante de uma abertura em curso, em que periódicos de turismo já estão mais permeáveis a análises diversificadas sobre aspectos sutis de áreas relevantes ao turismo (sustentabilidade, qualidade de vida, usos do espaço público, inclusão social, etc.), com alguma interface com mobilidades (turísticas) e hospitalidade (urbana).

No que tange ao recorte deste trabalho - mobilidades turísticas e hospitalidade urbana - ainda que de maneira limitada, pode-se observar um conjunto de leituras importantes no Brasil. Por outro lado, a emergência do tema mobilidade urbana nos últimos anos (especialmente presente nas agendas dos megaeventos esportivos realizados no Brasil), abre-se como uma larga avenida para a complexificação nas análises sobre mobilidades turísticas no país, o que pode incluir diálogos com a hospitalidade urbana.

De todo modo, a julgar pelo volume de artigos identificados, resta uma conclusão de que a produção nesta temática no Brasil (mobilidades, turismo e hospitalidade urbana, especialmente as conjugadas) é ainda elementar e pouco orientada, sugerindo espaço para novas concatenações.

Referências

- Allis, T. (2013) No caminho das mobilidades turísticas. *Revista Rosa dos Ventos*, 5(4), 663-668.
- Allis, T. (2014). Viajantes, visitantes, turistas... Em busca de conceitos em um mundo urbano. *Caderno Virtual de Turismo*. Edição especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo, 14 (S1), s.23-s.38.
- Allis, T., Silva, E. M. & Fraga, C. (2017). Megaeventos e turismo no Brasil: as mobilidades na encruzilhada. In: Paiva, R. A. *Megaeventos e intervenção urbana*. Barueri: Manole, p. 205-224.
- Augé, M. (2010). *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: EDUFAL, UNESP.
- Arruda, H.S. & Tricárico, L.T. (2015). Hospitalidade urbana e design de espaços públicos: a trajetória da Praça Almirante Tamandaré em Balneário Camboriú/SC - Brasil. *Revista Cenário*, 3(4), 45-61.
- Baptista, I. (2008). Hospitalidade e eleição intersubjectiva: sobre o espírito que guarda os lugares. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 5-14.
- Boullón, R.C. (2002). *Planejamento do Espaço Turístico*. Bauru: EDUSC.
- Borda, G.Z., Duarte, D.C. & Serpa, A.B.B. (2013). Turismo para todos: Acessibilidade e inclusão social no Brasil – o caso do destino turístico da cidade de Socorro (São Paulo). *Revista Cenário*, 1(1), 30-44.
- Brenner, N. (2013). Thesis on urbanization. *Public Culture*, 25(1), 85-114.
- Camargo, L.O.L. (2008). A pesquisa em Hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 15-51.
- Cavalcanti, M.N. & Lima, I.C. de (2013). A hospitalidade urbana de Fortaleza-CE frente ao megaevento Copa do Mundo de 2014. *Turismo: Estudos e Práticas, Mossoró (RN)*, v. 2, n. 2, p. 107-132.
- Cheibub, B. L. (2014). Mobilidades, espaços e relações sociais: uma breve análise do filme "up in the air". *Cultura - Revista de Cultura e Turismo*, 8(1), 196-210.
- Coles, T., Hall, C. M. & Duval, D.T. (2005). Mobilizing tourism: a post-disciplinary critique. *Tourism Recreation Research*, 30(2), 31-41.
- Coriolano, N. & Fernandes, L.M. (2014). Da mobilidade do trabalho à mobilidade no turismo From work mobility to tourist mobility. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, 4(1), 45-52.
- Fernandes D.L., Souza, T.A. de, Tonon, L.M.P. & Gândara, J.M.G. (2013). A utilização do transporte coletivo pelo turista em Curitiba. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, 3(2), 55-64.

- Fernandes, U.S. (2013). A mobilidade turística na região das baixadas litorâneas (RJ). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 6(2), 518-533.
- Franzen, L.I. & Reis, T.B. de O. (2013). Turismo e Hospitalidade: um estudo sobre o atendimento ao turista deficiente e com mobilidade reduzida em hotéis de Santa Maria/RS, Brasil. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, 10(2), 249-274.
- Grinover, L. (2006). A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. *Revista Hospitalidade*, 2(2), 29-50.
- Grinover, L. (2007) *A Hospitalidade, a Cidade e o Turismo*. São Paulo: Aleph.
- Grinover, L. (2013). Hospitalidade, qualidade de vida, cidadania, urbanidade: novas e velhas categorias para a compreensão da hospitalidade urbana. *Revista Iberoamericana de Turismo*, 3(1), 16-24.
- Jirón, P. & Iturra, L. (2011). Momentos Móviles. Los lugares móviles y la nueva construcción del espacio público. *Arquitecturas del Sur*, 39, 44-57.
- Kunz, J.G. (2015). As Mobilidades Turísticas como Objeto de Pesquisa: Um Panorama dos Periódicos Estrangeiros - 2000-2014. *Revista Rosa dos Ventos*, (7)3, 377-391.
- Lanzarini, R. (2013). A hospitalidade sexual urbana na relação viajante-residente. *Revista Hospitalidade*, 10(1), 3-27.
- Lefebvre, H. (2001[1970]). *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Lohmann, G., Fraga, C. & Castro, R. (2013). *Transportes e Destinos Turísticos: Planejamento e Gestão*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus.
- Ouriques, H.R. (2005). Turistas e trabalhadores de verão no litoral brasileiro. *Caderno Virtual de Turismo*, 5(3), 45-48.
- Ribeiro, J.C. & Souza, P.V. (2012). Internet, mobilidade e espaço: tecendo relações entre o turismo e serviços baseados em localização. *Turis Nostrum*, 1(1), 1-18.
- Sagi, L.C. (2008). Gestão pública da hospitalidade urbana: estudo de caso do Parque da Água Branca na cidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 2(3), 90-105.
- Santos, G.E.O. *Publicações de Turismo*. Disponível em: <http://www.publicacoesdeturismo.com.br>. Acesso em: 8 set. 2016.
- Severini, V.F. (2013). Hospitalidade urbana: ampliando o conceito. *Revista Iberoamericana de Turismo*, 3(2), 84-99.
- Sheller, M. & Urry, J. (orgs.) (2004). *Tourism mobilities: places to play, places in play*. Londres, Nova Iorque: Routledge.
- Sheller, M. & Urry, J. (2006). *The new mobilities paradigm. Environment and Planning A*, 3, 207-226.
- Shibaki, V.V. (2013). Planejamento e gestão da mobilidade em grandes metrópoles: reflexões acerca das estratégias do São Paulo Convention & Visitors Bureau para o turismo de negócios e eventos em São Paulo. *Turismo Visão e Ação*, 15(1), 84-94.
- Simon, S., Gastal, S.A. & Santos, M.M.C. dos. (2014). Mobilidade e Turismo: Hospitalidade no Transporte Coletivo em Caxias do Sul/RS. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 8(3), 552-567.
- Skoll, G. (2013). The Dialectics of Borders, Empires and Limens. *Revista Rosa dos Ventos*, 5(1), 83-98.
- Ulian, F. & Dias, L.V. (2001). Comunicação visual e acessibilidade do turista estrangeiro na cidade de São Paulo. *Turismo em Análise*, 12(1), 55-71.
- Urry, J. (2007). *Mobilities*. Cambridge: Polity Press.
- Urry, J. (2006). *Travelling Times. European Journal of Communication*, 21(3), 357-372.
- Urry, J. (2000). *Sociology beyond societies: mobilities for the twenty-first century*. Abindgon: Routledge.
- Urry, J. & Larsen, J. (2011). *The tourist gaze 3.0*. London: Sage.
- Vieira, R. & Morastoni, R. (2013). Qualidade das calçadas na cidade de Camboriú/SC: em busca da acessibilidade e mobilidade sustentável para área turística. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 7(2), 239-259.
- World Tourism Organization (2012), *Global Report on City Tourism - Cities 2012 Project*, UNWTO, Madrid.
- Zanirato, S.H. (2008). A Mobilidade nas Cidades Históricas e a Proteção do Patrimônio Cultural. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*, 2(2), 1-18.